

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano V — Número 56

Agosto de 1967

Importância da Educação Cristã

POR toda a África se nota hoje uma verdadeira fome e sede de instrução. O número de escolas e de alunos tem aumentado de uma maneira espectacular, e os diferentes governos vêem-se a braços com o problema de encontrar professores para enfrentar a situação.

Esta fome e sede de instrução não se limita à escola primária. Os jovens aspiram seguir o curso secundário e daí galgar, sendo possível, até a um curso superior.

Não há nada de censurável neste incoercível impulso para adquirir instrução.

Deve, porém, notar-se que a instrução não é o alvo supremo da vida; ela é apenas um instrumento. Como tal, pode ser usada para bem e constituir um valor inapreciável; pode também ser usada para mal, e nesse caso ser um factor deletério.

A instrução necessita de ser acompanhada da recta formação do carácter. A constatação desta verdade justifica a substituição, feita por alguns governos, da antiga designação de Ministério da Instrução por Ministério da Educação.

Mas que educação deve ser obtida? Sem dúvida, uma educação cristã. Essa educação, porém, dificilmente se pode obter nas escolas do mundo.

Apresenta-se em primeiro lugar o problema do Sábado. Raras são as escolas em que o adventista pode ter o Sábado livre. E obter instrução a preço da transgressão deste mandamento constitui uma grave perda.

Mas, mesmo na hipótese da guarda do Sábado, infelizmente o ambiente geral dessas escolas — com colegas provenientes de meios religiosamente deficientes, com atitudes e conversas duvidosas — não se presta à cultura de um carácter cristão.

Por outro lado, a própria filosofia subjacente ao ensino comumente ministrado não se coaduna com a nossa interpretação da Palavra de Deus.

A solução consiste, pois, em frequentar as nossas escolas, sempre que isso seja possível.

É provável que se tenha de fazer algum sacrifício monetário, pois as escolas particulares são sempre mais dispendiosas do que as escolas públicas.

Mas haverá alguma consecução de valor que não requeira sacrifício?

Ernesto Ferreira

Para Cristo não há Acepção de Pessoas

por Ellen G. White

O mais elevado anjo do Céu não tinha poder para pagar o resgate de uma só alma perdida. Querubins e serafins só têm a glória com a qual são dotados pelo Criador como Suas criaturas que são, e a reconciliação do homem com Deus só podia ser realizada mediante um Mediador que fosse igual a Deus, possuísse atributos que dignificassem, e o declarassem digno de tratar com o infinito Deus em favor do homem, e também O substituto e penhor do homem tinha de ter a natureza do homem, ligação com a família humana a quem devia representar, e, como embaixador de Deus, devia participar da natureza divina, ter ligação com o Infinito, a fim de manifestar Deus ao mundo, e ser mediador entre Deus e o homem.

Estas qualificações só se encontravam em Cristo. Revestindo de humanidade a Sua divindade, veio Ele à Terra para ser chamado Filho do homem e Filho de Deus. Era o penhor do homem, embaixador de Deus — o penhor para que o homem pela justiça d'Ele em seu favor satisfizesse as reivindicações da lei, e representante de Deus, para tornar manifesto o Seu carácter a uma raça caída.

O Redentor do mundo possuía o poder de atrair homens a Si, acalmar-lhes os temores, dissipar-lhes as sombras, inspirar-lhes esperança e ânimo, habilitá-los a crer na boa vontade de Deus para recebê-lo, graças aos méritos do Substituto divino. Como objectos do amor de Deus, devemos ser-Lhe sempre gratos por termos um mediador, um advogado, um intercessor nos tribunais celestiais, o qual intercede por nós perante o Pai.

Temos tudo que poderíamos pedir, para nos inspirar fé e confiança em Deus. Nas cortes terrestres, quando um rei quer dar seu maior penhor para provar aos homens a sua veracidade, dá seu filho como refém, para ser resgatado do cumprimento de sua promessa; e vede que penhor da fidelidade do Pai! — pois quando Ele quis assegurar aos homens a imutabilidade de Seu conselho, deu Seu Filho unigénito, para que viesse à Terra, a fim de tomar a natureza do homem, não só pelos breves anos da vi-

da, mas para reter sua natureza nas cortes celestes, como eterno penhor da fidelidade de Deus. Oh profundidade das riquezas, tanto da sabedoria como do amor de Deus! «Vêde quão grande caridade nos tem concedido o Pai: que fôssemos chamado filhos de Deus». I S. João 3:1.

Pela fé em Cristo tornamo-nos membros da família real, herdeiros de Deus e coherdeiros de Jesus Cristo. Em Cristo somos um. Ao avistarmos o Calvário, e vermos o real Sofredor que com a natureza do homem suportou a maldição da lei em seu favor, obliteram-se todas as distinções nacionais, todas as diferenças sectárias; desaparece toda a honra de posição social, todo o orgulho de casta.

A luz que brilha do trono de Deus sobre a cruz do Calvário põe para sempre fim às separações erguidas pelo homem entre classe e raça. Homens de todas as classes tornam-se membros de uma só família, filhos do celeste Rei, não por meio de poder terrestre, mas mediante o amor de Deus que entregou Jesus a uma vida de pobreza, trabalhos e humilhação, a uma morte de ignomínia e agonia, para que pudesse levar para a glória muitos filhos e filhas.

Não é a posição, nem a finita sabedoria, nem as habilitações, nem os dotes de qualquer pessoa que a tornam elevada na estima de Deus. O intellecto, a razão, os talentos dos homens, são dons de Deus para serem empregados para Sua glória, para edificação de Seu reino eterno. É o carácter espiritual e moral que é de valor à vista do Céu, e que sobrevirá à sepultura e possuirá a glória da imortalidade, através dos séculos interminos da eternidade. A realza mundana, tão altamente honrada pelos homens, jamais ressurgirá da sepultura para a qual vai. Riquezas, honra, sabedoria dos homens, que serviram aos propósitos do inimigo, não podem dar aos seus possuidores herança, nem honra, nem posição de confiança no mundo por vir. Únicamente os que apreciaram a graça de Cristo, que os tornou herdeiros de Deus e coherdeiros de Jesus, ressurgirão da sepultura trazendo a imagem de seu Redentor.

Todos os que forem achados dignos de serem contados entre os membros da família de Deus no Céu, reconhecer-se-ão mutuamente como filhos e filhas de Deus. Reconhecerão que todos recebem sua força e perdão da mesma fonte, do próprio Jesus Cristo, que pelos seus pecados foi crucificado. Sabem que devem lavar em Seu sangue as vestes do carácter, para ter aceitação perante o Pai em Seu nome, se quiserem estar na brilhante assembleia dos santos, trajando as brancas vestes de justiça.

Um em Cristo

Portanto, sendo os filhos de Deus um em Cristo, como considera Jesus as castas, as distinções sociais, a separação do homem de seus semelhantes, por causa da cor, da raça, posição, riqueza, nascimento ou realizações? O segredo da unidade encontra-se na igualdade entre os crentes em Cristo. A razão de todas as divisões, discórdias e diferenças encontra-se na separação de Cristo. Cristo é o centro para o qual todos devem ser atraídos; pois quanto mais nos aproximamos do centro, tanto mais nos aproximaremos uns dos outros em sentimento, em simpatia, em amor, crescendo no carácter e imagem de Jesus. Para Deus não há aceção de pessoas.

Jesus conhecia o nenhum valor das pompas terrestres, e não dava atenção a sua ostentação. Em Sua dignidade de alma, Sua elevação de carácter, Sua nobreza de princípio, estava Ele muito acima dos vãos costumes do mundo. Embora o profeta O descrevia como «desprezado, e o mais indigno entre os homens; homem de dores, e experimentado nos trabalhos» (Isa. 53:3), poderia Ele ter sido estimado como o mais elevado entre os nobres da Terra. Os melhores círculos da sociedade humana tê-lo-iam cortejado, se Ele tivesse condescendido em aceitar seu favor, mas não desejava os aplausos dos homens, e agia independente de toda a influência humana. Riqueza, posição, categoria mundana em todas as suas variedades e distinções de grandeza humana, eram tudo outros tantos graus de pequenez para Aquele que deixara as honras e a glória do Céu, e que não possuía brilho terrestre, não condescendia com luxo algum e não ostentava adorno senão a humildade.

Os humildes, os presos à pobreza, premiados por cuidados, sobrecarregados de tra-

balhos, não encontravam em Sua vida razão e exemplo que os levasse a pensar que Jesus não fosse experimentado em suas provas, não conhecesse a pressão de suas circunstâncias, e não se compadecesse deles em suas necessidades e tristezas. A modestia de Sua humilde vida diária estava em harmonia com Seu humilde nascimento e circunstâncias. O Filho do Deus infinito, senhor da vida e da glória, desceu em humilhação à vida dos mais baixos, a fim de que ninguém se sentisse excluído de Sua presença. Tornou-se acessível a todos. Não seleccionava uns poucos favorecidos, para com eles Se associar, passando por alto os demais. Quando o conservadorismo exclui os homens de seus semelhantes, especialmente quando esse conservadorismo se encontra entre os que professam ser filhos de Deus, isto entristece o Espírito Divino.

Cristo veio para dar ao mundo um exemplo do que poderia ser a humanidade perfeita, quando unida à divindade. Apresentou ao mundo um novo aspecto de grandeza em Sua exibição de misericórdia, compaixão e amor. Deu aos homens uma nova interpretação de Deus. Como chefe da humanidade, ensinou aos homens lições na ciência do governo divino, pelas quais revelou a razão da reconciliação entre a misericórdia e a justiça. Esta reconciliação não envolvia nenhum compromisso com o pecado, nem passava por alto nenhuma reivindicação da justiça; mas dando a cada atributo divino o lugar que lhe era ordenado, pôde a misericórdia ser exercida na punição do homem pecador e impenitente, sem destruir a sua clemência nem perder seu carácter compassivo, e pôde ser exercida a justiça em perdoar o transgressor arrependido, sem violar a integridade dela.

Cristo Nosso Sumo Sacerdote

Tudo isso se pôde dar por ter Cristo assumido a natureza do homem e participado dos atributos divinos, e plantado Sua cruz entre a humanidade e divindade, fazendo uma ponte sobre o abismo que separava de Deus o pecador.

«Porque, na verdade, Ele não tomou os anjos (Ele não tomou sobre Si a natureza dos anjos, diz outra tradução), mas tomou a descendência de Abraão. Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo

Continua na pág. 10

Todos Podemos Praticar Medicina Preventiva

por Francis A. Soper

Ao planejar o bem-estar do homem Deus sempre apresentou um programa equilibrado que inclui tanto o aspecto físico como o espiritual, e salienta a íntima relação entre ambos. O apóstolo João escreveu: «Amado, desejo que te vá bem em todas as coisas, e que tenhas saúde, assim como bem vai à tua alma». (3 João 2).

Nos tempos do Velho Testamento o Senhor disse ao Seu povo: «Eu tirarei do meio de ti as enfermidades» (Êxodo 23:25). Esta isenção da doença devia, porém, depender da aceitação do plano divino. «Se ouvires atento a voz do Senhor teu Deus», era a condição, «e obrares o que é recto diante dos Seus olhos» (Cap. 15:26).

Deus espera que o Seu povo tenha melhor saúde do que as pessoas que vivem ao seu redor. E elas *terão* se seguirem os princípios básicos da saúde delineados na Bíblia e nos escritos do Espírito de Profecia. Estes princípios são para todos os tempos. Aplicam-se tanto hoje como nos séculos passados. A ciência médica moderna descobre cada vez melhor que isso é verdade.

Recentemente o Dr. Paul Dudley White fez perante uma Comissão do Senado, em Washington, D.C., um importante discurso, que merece uma referência especial por coincidir com os pontos de vista da Igreja Adventista.

O Dr. White, ainda vigoroso com os seus oitenta anos de idade, é mais conhecido como médico de Dwight D. Eisenhower.

O Dr. White começou por apresentar os fundamentos simples de uma boa saúde. As suas palavras soaram como estranhamente familiares. Inconscientemente salientou os próprios princípios de saúde que como povo temos entesourado por tantos anos. Emocionou-nos ouvi-los expressos por um dos mais respeitados médicos de nossos dias. Dir-se-ia que ele estava convidando a nação inteira para voltar aos princípios de saúde que Deus ordenou para Seus filhos no início.

«Como nação prestamos pouca atenção à medicina preventiva», disse o Dr. White. «Devemos salientar mais os métodos de saúde preventiva». É importante que tenhamos centros para diagnosticar e tratar as

doenças, mas é muito mais importante que tenhamos centros para educação da saúde.

Os Princípios de Saúde do Dr. White

Em seguida delineou, sob cinco títulos, o seu conceito de medicina preventiva. Em resumo, esses pontos são os seguintes:

1. *Exames físicos anuais.* Estes são muito essenciais para todos, incluindo os jovens. Se feitos consistentemente, ano após ano, esses exames ajudarão a descobrir a tempo os sinais de doença e permitirão que se dêem os passos preventivos possíveis.

2. *Controle do regime alimentar e do peso.* Deve-se exercer um cuidadoso controle desde cedo. Os jovens, para seu próprio benefício, devem aprender a desenvolver «atitudes sadias» em relação ao bom regime alimentar, e ser educados de maneira que escolham para si mesmos o melhor.

«Hoje», afirmou o Dr. White, «com raras excepções, a humanidade tem o hábito natural mas pouco salutar de comer demasiado, e grande parte dessa comida é demasiado rica. Nas últimas décadas eu próprio examinei centenas e centenas de jovens e adultos afectados de doença coronária do coração muito antes do tempo, seguindo-se isso — e provavelmente como resultado — ao ganho de 15 ou 20 quilos de tecido adiposo dentro de 20 ou 30 anos depois de terem atingido o seu peso básico».

3. *Saúde mental.* Para funcionar em boas condições, o cérebro deve ter uma provisão de bom sangue fornecido por um bom coração e bons vasos sanguíneos. Isto depende da aptidão física e do tónus muscular. Se uma pessoa deseja saber quão frouxo é o seu cérebro, deve sentir os músculos das suas pernas! A pessoa média com boa saúde devia andar pelo menos seis quilómetros por dia. Este exercício, naturalmente, pode também fazer-se trabalhando no jardim, jogando ténis ou golf, nadando ou andando de bicicleta. Somos demasiado escravos das nossas máquinas, engenhos e botões eléctricos. Precisamos de mais exercício. Quando os músculos de nossas pernas estão activos contam para cerca de 30 por cento de boa circulação no corpo, ajudando assim a remover a congestão do cérebro.

4. *Substâncias tóxicas* — Evitai o fumo e o uso de outras substâncias tóxicas, incluindo o álcool. Descobriu-se que o uso contínuo de café e de chá aumenta a tensão, em vez de a diminuir. O café e o chá tendem a sobreexcitar.

5. *Tensão*. Deve evitar-se a supertensão, mas, por outro lado, deve procurar-se uma tensão média. Afinal, a vida está cheia de tensão. Devemos aprender a desfrutá-la.

A Importância Vital do Exercício

No seu testemunho, o Dr. White repetiu a sua ênfase sobre o exercício: «Aqueles dentre nós que aprendemos a andar não calculamos quão afortunados somos. Devemos levar o nosso povo a usar de novo as pernas».

Em seguida, o grande médico deu largas às suas reminiscências. «Minha própria vida cobre um intervalo que se estende desde os últimos anos da Era Vitoriana até à exploração actual do espaço interplanetário, o que na realidade é um apreciável período de tempo na história do homem civilizado. Durante estes oitenta anos tem havido uma mudança maior no nosso ambiente físico e na nossa maneira de viver do que durante séculos anteriores.

«Talvez a maior diferença ocorrida na nossa maneira de viver durante o tempo da minha existência tenha sido nos nossos transportes. Quanto à saúde, éramos afortunados, sem o saber, nos nossos velhos tempos. Com a maior naturalidade, deslocávamo-nos a pé de terra em terra, por vezes a muitos quilómetros de distância. Quanto a automóveis, vimos e experimentámos os primeiros, mas cedo os abandonámos devido a serem pouco seguros e muito dispendiosos, e voltámos a andar a pé e de bicicleta.

«A vida por vezes é demasiado fácil e suave para a boa saúde. Devíamos subir com mais frequência as escadas a pé e usar menos os elevadores. Devíamos usar as nossas serras, foices e pás, com os nossos próprios músculos durante muito, ou, pelo menos, algum tempo. Não devíamos estar sentados a ver televisão mais do que uma hora de cada vez.

«O cérebro é o nosso órgão mais importante, e pode ter um pobre fornecimento de sangue se passarmos o dia sentados. Vigoroso exercício de pernas é o melhor antidoto que possuímos para a tensão nervosa ou emocional, muito melhor do que os cal-

mantes ou sedativos com que, infelizmente, hoje tantos estão viciados».

Conselho à Nação

O Dr. White disse que todos os anos vai à Academia Militar os Estados Unidos, em West Point, falar aos cadetes acerca da saúde. Há trinta anos atrás — comentou ele — não sabíamos acerca das doenças do coração o suficiente para dar o bom conselho que hoje podemos.

Baseado no conhecimento presente, ele resumiu em três pontos o seu conselho aos futuros dirigentes militares da nação:

1. Evitai o excesso de peso — não aumenteis de peso depois dos 22 anos.
2. Mantende-vos fisicamente activos durante toda a vida.
3. Não fumeis.

O Dr. White no seu testemunho teve palavras de encorajamento para os velhos. «Hoje», declarou ele, «uma pessoa pode desfrutar melhor saúde aos 70 ou 80 anos do que tinha aos 50 ou 60. Tenho ficado assombrado durante os passados dez anos com o número dos meus pacientes que têm melhorado e desenvolvido uma saúde normal. Devo salientar que nunca é tarde demais para nos corrigirmos».

É significativo e animador para nós como povo ouvir as mais notáveis autoridades médicas do nosso tempo voltarem a salientar alguns dos princípios básicos de saúde que por divina revelação nos foram dados, e convidarem não só a nós mas a todo o povo para um regresso aos princípios fundamentais que conduzem a uma boa saúde tanto do corpo como do espírito.

«Ar puro e água, asseio, regime adequado, pureza de vida e firme confiança em Deus, são remédios por cuja falta milhares de pessoas estão perecendo. Todavia esses remédios estão caindo em desuso, porque seu hábil emprego requer trabalho que o povo não aprecia. Ar puro, exercício, água pura, e morada limpa e agradável, acham-se ao alcance de todos, com apenas pouca despesa; as drogas, porém, são dispendiosas, tanto no gasto do dinheiro, como no efeito produzido no organismo». — **Testemunhos Selectos**, vol. II, págs. 142, 143.

Visado pela Censura

O Monumento Indestrutível do Amor de Deus

por Artur de Oliveira

Num escavado monte da Palestina, em forma de caveira, elevam-se três cruzes, numa das quais, a do meio, manchada pelo sangue que escorre copiosamente dos Seus membros dilacerados, agoniza Jesus — o Eterno Filho de Deus — na mais cruciante e indescritível dor.

A Natureza parece compartilhar desta dor pungente do seu bem-amado Autor, escondendo o sol os seus raios salutares e revestindo-se os céus de uma nigérrima escuridão. Momentos antes desta estranha e inexplicável ocorrência, grupos de espectadores, impassíveis testemunhas do drama que se desenrolava ante os seus olhos, comentam com sarcástica ironia: — «Salvou os outros e a Si mesmo não pode salvar-Se. Se é o Rei de Israel desça agora da cruz e creremos n'Ele»¹. Outros, mais atrevidos e ousados, aproximam-se do Crucificado, estendem-lhe o dedo, insolentemente, e exclamam: «...se és Filho de Deus desce da cruz»². Perante estas acerosas injúrias, Jesus eleva o seu compassivo olhar e exclama: — «Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem»³.

Os famosos soldados do Império Romano, após a horrível execução, realizada no mais assombroso sangue-frio, habituados a cenas semelhantes, contemplam quedos e indiferentes como se nada fosse com eles. Quanto às vestes sacrossantas do Salvador — Seu único espólio — repartem-nas avidamente numa animada e selvática alegria!

O quadro mais doloroso, porém, ainda não surgiu, Jesus respira com dificuldade. Não, não são somente os sofrimentos físicos que Lhe causam esta angústia. Há uma dor maior que o aniquila, maior que o desprezo e a maldade de um mundo ímpio. Há uma grande agitação. Os que estão perto vêem nitidamente que há um estremecimento na cruz. Jesus levanta a Sua ensanguentada cabeça para o céu, os Seus amorosos lábios, sempre prontos a proferir palavras de conforto e esperança, abrem-se para darem passagem ao mais tangível e angustioso brado jamais escutado por ouvidos

humanos, num misto de dor e resignação: — «Deus meu Deus meu, porque Me desamparaste?»⁴.

Jesus vivia aqui na terra no mais estreito companheirismo com o Seu Pai. Quão grato Lhe era, nos Seus momentos de cansaço, comungar com Aquele que tanto O amava e de Quem recebia forças para continuar o combate contra as forças das trevas. Absorto em oração, esquecia-se do tempo, do alimento e até da presença dos homens que o contemplavam contagiados pela arrebatadora expressão do Seu rosto. Era esta a grande consolação de Jesus. Estaria pronto a perder tudo, o repouso, a paz, a amizade dos homens, mas nunca este maravilhoso contacto!

Mas Jesus sabia perfeitamente que tinha diante de Si uma missão muito espinhosa: resgatar um mundo perdido. Sabia quanto Lhe custaria a Si e ao Pai o preço deste resgate. Desde o início do Seu ministério terrestre apresentava-se diante de Cristo o tétrico «vale da sombra da morte». A ele Se referia várias vezes e ao aproximar-se o momento fatal designou-o por «este cálice» ou «o cálice que Meu Pai Me deu».

Era-Lhe necessário atravessar este sombrio «vale». Nisto consistia a Sua missão. Era este o propósito da Sua vida e a única razão da Sua curta existência entre os homens. Jesus aceitara-a voluntariamente. O Seu infinito amor pelos homens pecadores impunha-Lhe esta tremenda obrigação. E era este mesmo amor, tantas vezes revelado em notas de simpatia e ternura para com a impotente e sofredora creatura humana, aliviando-lhe os sofrimentos e dores, que consistia o penhor da Sua vitória. Jesus estava certo da vitória porque amava os homens. Ora «a caridade nunca falha...»⁵.

Quando, porém, se apresentou a hora tremenda do supremo sacrifício, quando Cristo começou a sentir «o salário do pecado», o Seu ser bendito vacilou. A Sua débil natu-

reza humana de que Se revestira, vergou ao peso imenso dos pecados de uma humanidade inteira. No jardim do Getsemane, suando «gotas de sangue que corriam até ao chão»⁶ suplicou ao Pai para que aquele «cálce», sendo possível, passasse d'Ele. Isaías, descrevendo em visão profética esta terrível cena, disse: — «Como pasmaram muitos à vista d'Ele, pois o Seu parecer estava tão desfigurado, mais do que outro qualquer, e a Sua figura mais do que a dos outros filhos dos homens»⁷.

Mas, infindas graças sejam rendidas a Deus, Jesus recobrou novas forças e a decisão de salvar o homem vinculou-se com uma maior profundidade no Seu espírito. A fé, a esperança e o amor — únicas forças que Lhe restavam do tremendo prélio com Satanás — operaram este glorioso milagre! Fé invencível em Deus-Pai, esperança radiosa por um mundo restaurado e amor, incomensurável amor, por um miserável pecador tal como eu e como tu, caro leitor!

Deste modo podemos parcialmente compreender a razão da angústia moral que Cristo experimentou no Calvário. Ao expirar na cruz, Jesus sentiu a dor e o desespero que deviam ser o quinhão de uma humanidade pecaminosa. «O castigo que nos traz a paz estava sobre Ele, e pelas Suas pisaduras fomos sarados». «Aquele que não conheceu pecado, O fez pecado por nós, para que n'Ele fôssemos feitos justiça de Deus»⁸.

E foi este sentimento de abandono e de separação do Pai que levou Cristo, ao assumir o lugar do pecador, a pronunciar o angustioso brado a que nos referimos há momentos: — «Deus meu, Deus meu, porque Me desamparaste?».

Este sacrifício não foi, como alguns supõem, uma «representação» do Céu para comover o homem. Foi uma crua e tremenda realidade. Tão crua e tremenda que o Céu todo se comoveu num grau muito mais elevado que os homens. Através dele Deus «prova o Seu amor para connosco»⁹. Nunca houve e jamais haverá outro acontecimento semelhante a este. A cruz — este antigo objecto de ignominia — será eternamente: O MONUMENTO INDESTRUTÍVEL DO AMOR DE DEUS!

Em vista disto, como poderemos nós, entes finitos e mortais, responder a um amor

tão sublime? (Certamente não desejamos permanecer indiferentes como outrora os judeus e romanos).

O nosso primeiro impulso, motivado pelo Espírito de Deus, deve levar-nos a aceitar o sacrifício propiciatório de Cristo em nosso favor e a alcançar pelos Seus méritos a mais completa vitória sobre o mal e o pecado que «tão de perto nos rodeia». Foi o pecado que provocou os sofrimentos e a terrível agonia do Salvador. Por conseguinte é-nos impossível amar verdadeiramente a Cristo sem que, simultaneamente, odiemos o vil pecado.

Mas por outro lado, não poderemos amar sinceramente a Cristo sem que, ao mesmo tempo, amemos o pecador. Foi por ele que Jesus se ofereceu voluntariamente. «O amor de Cristo nos constrange»¹⁰ exclama o Apóstolo dos Gentios. Não somente, como vimos, ao completo abandono do pecado, como igualmente à inteira consolidação com o pecador. Este amor, a exemplo de Jesus, traduzir-se-á em actos de bondade e abnegação e no sacrifício de todas as vantagens que este mundo nos possa oferecer, contanto que levemos aos que jazem nas trevas, o precioso conhecimento da Salvação. Deus não exige de nós algo que Lhe não possamos dar e a Sua bênção acompanhará os nossos dedicados e alegres esforços.

A alegria inaudita que os remidos experimentarão no Céu consistirá, não somente no privilégio de contemplar o rosto d'Aquele que ofereceu a vida para nos salvar, resgatando-nos de uma morte eterna, como igualmente em contemplar as almas que foram ganhas pelo nosso dedicado esforço. Este será o gozo eterno dos salvos do qual, antecipadamente, podemos já hoje saborear alguns doces vislumbres!

CITAÇÕES:

1. S. Mateus 27:42.
2. S. Mateus 27:40.
3. S. Lucas 23:34.
4. S. Mateus 27:46.
5. 1 Coríntios 13:8.
6. S. Lucas 22:44.
7. Isaías 52:14.
8. 2 Coríntios 5:21.
9. Romanos 5:8.
10. 2 Coríntios 5:14.

Perigos das bebidas alcoólicas



Como Faíla deixou de beber cachipembe

Certo dia encontrei numa aldeia chamada Sapato dois homens cujos nomes eram Faíla e Perja. Estes dois amigos dedicavam as suas vidas às bebidas alcoólicas.

Quando os encontrei, perguntei: «Faíla, que estás bebendo?»

Faíla, olhando para mim, tendo a embriaguez estampada no rosto, respondeu: «Estou bebendo cachipembe.»

Entretanto aproveitei a oportunidade de os esclarecer, partindo do conhecido para o desconhecido. Foi com admiração que os vi muito atemorizados, quando lhes li o texto: «O vinho é escarnecedor e a bebida forte alvoroçadora; e todo o que neles errar nunca será sábio». Prov. 20:1.

Como a própria mulher de Faíla é que fabricava o cachipembe, foi muito difícil convencer-se logo. Mas ao cabo de muitos estudos bíblicos, Faíla decidiu construir a sua casa na nossa aldeia. Todos os parentes se revoltaram contra ele, porque deixara de beber, de fumar e de dançar. Depois de muitos maus tratos, decidiu voltar a morar com os seus parentes.

Mesmo assim continuei incansavelmente a dar-lhe estudos bíblicos. Embora Faíla imaginasse viver feliz, sentia-se acusado no seu espírito.

Uma bela manhã fresca de cacimbo, Faíla não pôde resistir mais à consciência, e chamou todos os seus parentes e amigos, e disse-lhes:

«Em nome d'Aquele que me acusa pela consciência, peço-vos que me hajais por escusado de habitar mais convosco».

Os seus parentes, ao ouvirem estas palavras, choraram muito, dizendo que ele estava completamente perdido.

Quando depois disso voltei à sua aldeia, lemos em conjunto o texto que diz: «Para quem são os ais? para quem os pesares? para quem as pelejas? para quem as queixas? para quem as feridas sem causa? e para quem os olhos vermelhos? Para os que se demoram perto do vinho, para os que andam buscando bebida misturada. Não olhes para o vinho quando se mostra vermelho, quando resplandece no copo, e se escoa suavemente». Prov. 23:29-31.

Depois da meditação do último texto, Faíla deixou de ser pagão, veio novamente construir outra casa na nossa aldeia, acompanhado pelo seu amigo Perja.

Esses dois antigos gentios encontram-se hoje na Igreja Adventista, e já não se chamam mais Faíla e Perja. Depois do baptismo, o primeiro ficou a chamar-se Faustino e sua esposa Afonsina; e o segundo ficou a chamar-se Tomás.

É admirável o esforço que eles hoje estão fazendo a favor de outras vítimas do álcool.

Faustino hoje é o primeiro diácono da sua igreja. Outros membros das famílias destes dois irmãos aceitaram igualmente a Mensagem do Advento e se tornaram fervorosos crentes.

E. Celestino Mendes

Gracas Espiro Samanongo deixou de beber

Gracas Espiro Samanongo não era crente. Portanto bebia e fumava sem saber que transgredia as leis da saúde. Com esses vícios gastava muito dinheiro.

Certo dia fui ter com ele e apresentei-lhe vários textos bíblicos acerca da temperança.

«Mas também estes erram por causa do

Histórias Africanas



Salvos do Perigo

No Sábado, 29 de Outubro do ano findo, às 17 horas encontrava-me em minha casa, quando vi que toda a gente gritava e corria para a casa do soba.

Eu também fui, para saber do que se tratava. Quando cheguei, a quarta mulher deste soba mal podia falar, mas pudemos ouvi-la contar, entre suspiros: «Depois de semearmos a ginguba, a outra mulher foi encher uma bilha de água à lavra próxima e foi apanhada por um bicho, que deve ser um leão».

Foi um motivo de espanto para todos nós. Como já estava a anoitecer, não pudemos ir buscar os restos mortais. O soba foi essa noite, acompanhado dos filhos, contar ao Sr. Administrador do Posto o que sucedera.

No dia seguinte, às 11 horas, fomos buscar os restos mortais, que eram apenas a cabeça, o peito, dois braços e uma perna.

Passados seis dias, em 4 de Novembro, foi apanhada mais outra mulher a três quilómetros da nossa Central da Nema.

Depois da morte desta segunda mulher, estávamos cheios de medo e ninguém ousa-

va andar sozinho. O trabalho da lavoura ficou interrompido. Para ir buscar a comida às lavras, os homens, com catanas e lanças, iam uns à frente, outros atrás, e as mulheres no meio. Viam-se homens e mulheres, ao mesmo tempo, a buscar água, formando uma longa linha.

Depois, por escrito, pedimos às autoridades para nos socorrerem do perigo. De bom grado nos atenderam, mandando-nos um caçador especializado vindo de Malange. Além disso, o Sr. Administrador trouxe-nos um saco de farinha de bom-bom e meia mala de peixe para as nossas quatro sanzalas.

Infelizmente o caçador foi conduzido para o lado oposto daquele onde o leão apanhara as duas mulheres e não o encontrou.

Por outro lado, como não foram vistos os sinais das patas, diziam alguns que não se tratava de leão, mas de práticas de feitiçaria. Inocentemente foram presos dois homens que eram conhecidos como feiticeiros nesta região.

O caso foi investigado pela Polícia, e depois foram soltos.

Durante três semanas o leão não apareceu mais. Ao fim dessas três semanas apanhou uma vaca na sanzala onde matara a segunda mulher; cinco dias depois apanhou outra vaca; seguiram-se várias cabras.

No dia 4 de Dezembro, o Sr. Administrador do Posto trouxe-nos um cipaio armado, com a ordem de procurar a fera até matá-la.

Acompanhado dos habitantes da sanzala, o cipaio batia diariamente o mato à procura do leão. Nessa altura era a nossa Semana de Oração e Sacrifício. Nas nossas orações pedíamos a Deus que nos desse a vida do nosso inimigo, que parecia ser invencível. Depois de seis dias de buscas con-

vinho e com a bebida forte se desencaminham». Isaías 28:7.

Dentro de pouco tempo, ele quis ser membro da Escola Sabatina da Central Adventista de Maiaia.

Deixou os seus vícios e, depois de ter passado pelas Classes de Ouintes e Baptismal, foi baptizado em Agosto de 1966.

Hoje em dia tem a esperança da segunda vinda de Cristo.

Elias Manuel

tinuas, ao sétimo dia tivemos a vitória.

De manhã acompanhei a minha mulher à lavra para buscar alguma coisa para comer.

Depois de voltarmos, estava fazendo um conserto na bicicleta quando ouvi que o leão estava morto.

Curioso, fui também para ver o bicho, mas afinal não tinha morrido. Ao chegarmos ao lugar onde tinha sido alvejado, vimos que tinha ali deixado o sangue e se tinha ido embora. Nessa altura eu quis voltar para casa, mas não pude porque era longe.

Seguimos o rasto do leão, eu e outros. Realmente ele estava mal ferido. Andados alguns metros, os que estavam à frente disseram: «O leão está a voltar para trás».

Alguns dos que estavam atrás subiram às árvores e eu não pude, e então corri para a frente.

Logo dispararam (porque agora eram dois cipaio), o leão deu um salto em direcção aos que ainda não tinham trepado, tendo apanhado um velho que caiu quando tentava subir, e rugiu de uma maneira que a todos nós fez gelar o sangue. Pensei que ele estava a apanhar-me pelas costas, pois ainda não tinha subido, quando vi uma árvore à minha frente. Não queira saber, prezado leitor, como subi com os pés calçados.

Graças a Deus abriguei-me entre os ramos, a boa distância do chão.

Salvo do perigo! Depois de alguns minutos, foram disparados os últimos tiros e ele morreu!

A princípio não pude crer, mas um cipaio disse que podíamos descer, pois sem dúvida o leão estava morto.

Descemos e chegámos ao local onde ele estava deitado. Era um animal terrível e espantoso. Tinha uns dois metros de comprimento!

Foi levado finalmente para a aldeia. Desde os velhos encostados ao bordão até às crianças de colo, todos louvávamos a Deus, e agradecíamos ao Sr. Administrador do Posto e ao Cipaio Mateus Caculo.

Fez-se o cálculo, e apurou-se que o leão comera duas mulheres, duas vacas e dezasseis cabras.

O Senhor guarda e protege os Seus, não crês, prezado leitor?

Dos nossos membros ninguém foi preju-

dicado, a não ser em alguns dias de atraso no trabalho da lavoura. Confiemos pois em Deus.

Central da Nema — Cuale

CHICO NOÉ

Para Cristo não há acepção de pessoas

Continuação da pág. 3

que Ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados». Heb. 2:16-18.

«Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém Um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado». Heb. 4:15.

«Porque todo o sumo sacerdote, tomado dentre os homens, é constituído a favor dos homens nas coisas concernentes a Deus, para que ofereça dons e sacrificios pelos pecados; e possa compadecer-se ternamente dos ignorantes e errados; pois também ele mesmo está rodeado da fraqueza. E por esta causa deve ele, tanto pelo povo, como também por si mesmo, fazer oferta pelos pecados. E ninguém toma para si esta honra, senão o que é chamado por Deus, como Aarão. Assim também Cristo Se não glorificou a Si mesmo, para Se fazer sumo sacerdote, mas Aquele que Lhe disse: Tu és Meu Filho, hoje Te gerei. Como também diz noutra lugar: Tu és sacerdote eternamente, segundo a ordem de Melquisedeque. O qual, nos dias da Sua carne, oferecendo, com grande clamor e lágrimas, orações e súplicas ao que O podia livrar da morte, foi ouvido quanto ao que temia. Ainda que era Filho, aprendeu a obediência, por aquilo que padeceu. E, sendo Ele consumado, veio a ser a causa de eterna salvação para todos os que Lhe obedecem». Heb. 5:1-9.

Jesus veio para trazer poder moral, a fim de que este se unisse ao esforço humano, e em caso algum devem os Seus seguidores permitir-se perder de vista a Cristo, que é seu exemplo em todas as coisas. Disse Ele: «Por eles Me santifico a Mim mesmo, para que também eles sejam santificados na verdade». S. João 17:19. Jesus apresenta a verdade perante Seus filhos para que a possam contemplar e, contemplando-a, tornar-se transformados, pela Sua graça, da transgressão para a obediência, da impureza para a pureza, do pecado para a santidade do coração e justiça da vida.

Através da Seara de Angola

Conforme prometemos no último número do *Boletim*, apresentamos a seguir alguns testemunhos dados durante as recentes Convenções dos Campos Missionários do Bongo e Nova Lisboa.

Isaque Tadeu

Diácono Justo, de Iava

Fui baptizado pelo Pastor Anderson (Kakongo), em 1932. Dou graças a Deus porque desde o ano do meu baptismo sou membro da Igreja Adventista. Também agradeço ao Senhor porque por meu intermédio a Mensagem foi levada a Savitangaiaia.

Jovens, tenho estado na Igreja todo este tempo. Já sou velho e espero que o Senhor me ajude até ao fim da minha carreira. Os africanos têm o costume de deixar a mulher quando esta começa a ser velha. Mas digo que este costume devia ser só daqueles que não são crentes em Jesus. Eu já não penso em segundas núpcias. Estou contente com a minha velha Esposa e só penso em como alegrar os meus netos.

Ainda hoje, passados tantos anos desde o meu baptismo, ainda penso como pensava quando era novo: «Vale a pena ser Adventista do Sétimo Dia».

A propósito de Savitangaiaia, transcrevemos o que o Pastor Venâncio Chipopa escreveu há anos:

«Savitangaiaia é uma importante aldeia com 213 casas (palhotas), situada entre os rios Cubango e Cutato, a 30 quilómetros da estação ferroviária de Chinguar, no distrito do Bié.

Ali vivia com seus pais uma menina chamada Belina Balombo. Esta menina, na companhia de um tio (Justo), mudou-se mais tarde para a aldeia de Iava, onde havia uma Escola Adventista. A menina começou a frequentar a escola e em breve se converteu com o tio. Os anos passaram e a menina tornou-se esposa de um dos nossos zelosos catequistas, de nome Mário Cassoco.

Deus abençoou o trabalho de ambos e eles estão agora à frente de uma igreja com 130 membros.

No começo de 1953, o casal resolveu fazer uma visita à aldeia que tinha abandonado tantos anos antes e onde residiam ainda os pais de Belina.

Durante os dias de visita fizeram reuniões todas as noites, junto ao fogo, e levantaram grande interesse. O soba da aldeia começou também a interessar-se pela nova doutrina e o nosso catequista propôs-lhe o estabelecimento de uma escola adventista na sua aldeia.

O soba respondeu: 'Já conhecemos outros cristãos. Ao recebê-los aqui, vimos que alguns dos nossos que os seguiram continuaram a fazer dividas e a viver como antes. Outros que têm vindo para nos ensinar, fumam, dançam, bebem, fazem feitiços como nós fazemos. Não vemos diferença entre nós e eles. Como não conhecemos a fé adventista, vamos aceitar a vossa escola e experimentar o resultado entre o nosso povo'.

Quando o sr. presidente das Missões Adventistas em Angola foi informado do que se passava, mandou realizar uma Campanha Evangelística em Savitangaiaia, e eu mesmo passei ali uns vinte dias, juntamente com mais oito catequistas do Campo Missionário de Nova Lisboa.

Todas as casas foram visitadas e dezenas de estudos bíblicos foram feitos, além das reuniões à noite para o público. O irmão enfermeiro Isaiás Artur auxiliou-nos grandemente na obra evangelística e tratando dezenas de doentes.

Como resultado deste esforço, 303 almas se inscreveram na Classe Baptismal e estão agora estudando a Palavra de Deus e esforçando-se por pôr em prática os seus ensinamentos.

No mês de Junho (de 1953), o nosso presidente visitou aquela aldeia e instalou ali o catequista Pedro Canjolomba e a sua família».

Os nossos pioneiros de Savitangaiaia, Mário Cassoco e Belina, já descansam na sepultura. Savitangaiaia continua a ouvir a mensagem do Senhor. E hoje o Evangelho está sendo anunciado, não só naquela aldeia, mas também desde o Bailundo ao Mungo.

Sculo Manuel Lindonga

Vim de Forte Roçadas para ajudar na Guerra de Candumbo (19 de Setembro de 1902), na do Seles e finalmente na dos Cuamatos.

Depois de submetido o Cuamato, fui convidado para acompanhar os boers à África do Sul. De regresso, parei na minha terra. Os meus parentes queriam que eu fosse soba, em virtude de meu falecido pai ter sido o primeiro polícia em Forte Roçadas. Recusei essa oportunidade e, aproveitando um transporte, vim até à Caala. Dali vim fixar a minha residência junto do riacho Lindonga. Os ovimbundos quando me viram a viver perto do Lindonga chamaram-me Lindonga.

Em Lindonga (Sandombo), conheci a Jesus e em 1947 fui baptizado. Da minha casa à Missão do Bongo distam 15 quilómetros, mas durante os dois anos em que andei nas Classes de Ouvintes e Baptismal, levantava-me de madrugada todos os Sábados e às 6:30 da manhã já estava a assistir às Classes na Missão.

Hoje muitos jovens não têm desejo de frequentar as Classes de Ouvintes e Baptismal. Querem ser baptizados sem saber o que diz o Manual das Classes. Isso não deve ser!

Já tenho muitos anos de idade, não sei quantos são. Tudo quanto posso recordar é que na Guerra de Candumbo eu já era rapaz crescido e servia como cocheiro de carro boer. Com a ajuda de Deus quero acabar na fé a minha carreira.

Henrique de Canadá — Caala

Durante muito tempo pertenci a outra igreja, mas sempre desejei conhecer algo de melhor acerca da religião.

Certo dia, perguntei ao nosso catequista quem eram os adventistas do sétimo dia. Ele respondeu-me que os adventistas eram uns mentirosos que andavam a enganar o povo.

Fui um dia visitar os meus parentes à aldeia de Lumbandi e ali encontrei em realização um Congresso dirigido pelo Sr. presidente Manuel Lourinho. Gostei muito da mensagem por ele pregada nesse dia e determinei saber mais alguma coisa da mesma.

Quando os da minha catequese souberam do meu interesse, foram participá-lo ao missionário. Este falou comigo, para eu não seguir os judeus. E como eu não queria abandonar a verdade conhecida, ele amaldiçoou-me.

Passados poucos dias, começaram a arrebentar-me nos pés muitas feridas. Todos diziam que eu levava comigo a maldição do missionário. Mas, mesmo com feridas, resolvi deixar a minha igreja e unir-me à Igreja Adventista do Sétimo Dia.

Os meus parentes ficaram irados. A minha mulher não queria acompanhar-me. Então parti sozinho, certo de que Jesus estava comigo. Depois de alguns dias, resolvi buscar o resto das coisas e a mulher. Ela chorou bastante durante a viagem para a aldeia adventista, mas essa tristeza não durou muito, pois reconheceu o verdadeiro caminho que tínhamos encontrado.

Como os irmãos sabem, muitos nativos têm o vício de voltar para trás. Por isso alguns da igreja para onde viemos voltaram ao pecado. Porém muitos continuam fiéis na esperança de Jesus. Sabemos que aqueles que confiam no Senhor não voltarão para trás, pois a Bíblia disse: «Voltarão atrás e confundir-se-ão de vergonha os que confiam em imagens de escultura e dizem às imagens de fundição: Vós sois nossos deuses».

A minha oração é que o Senhor me ajude a permanecer fiel a Jesus até ao fim da vida.

Uma Irmã de Sacanombo — Caala

Quando pequena, pertencia a outra igreja. Certo dia pedi a minha mãe para ir ver os meus tios, que estavam na Igreja Adventista.

No Sábado, acompanhei os meus tios à Igreja. Quando fizeram a primeira oração eu não fechei os olhos, porque na nossa igreja ensinavam que os adventistas quando oram, Deus passa diante deles. Olhei para um lado e para outro a ver se via Deus passar, mas em vão.

O pregador nesse dia falou nas pragas que hão-de destruir os pecadores no fim do mundo. Fiquei atemorizada pelos meus pecados. Contudo gostei muito do culto dos adventistas.

Quando voltei para casa, contei tudo a minha mãe e disse-lhe que queria voltar para ouvir mais. Minha mãe não concordou. E assim, contra a sua vontade, voltei no Sábado seguinte à Igreja Adventista. Então decidi não continuar mais na minha antiga igreja. Minha mãe ficou zangada, mas fui-me embora para junto de meus tios.

Depois de ter estado algum tempo com os tios, quis ir ver a Mãe. Quando o meu antigo catequista soube disso, chamou alguns homens e juntamente com eles bateram-me. Depois da surra, retirei-me e nunca mais voltei à minha antiga igreja. Finalmente, o catequista obrigou minha mãe a levar-me de volta à sua igreja. Quando viu que a mãe o não fazia, disse-lhe que ela devia ser excomungada da igreja. A mãe ficou aborrecida com as palavras do catequista e mudou para a igreja onde eu estava com os meus tios.

Graças a Deus, hoje eu e a minha mãe somos adventistas do sétimo dia.

Tenho muitas dificuldades na minha vida. O marido com quem me casei não tem sido fiel. Sou abandonada muitas vezes por ele. Hoje estou a viver sòzinha com a minha mãe. Ainda sou nova e sei que ainda terei muitas tentações, mas espero vencê-las com o poder de Deus.

Donisa de Elundo Verde

Certo dia ouvi um homem pregar perto da nossa aldeia. Gostei das suas palavras, e no dia seguinte fui outra vez ouvi-lo. Comecei a frequentar as reuniões daquele adventista. Quando voltava das reuniões as raparigas da minha idade diziam: «Tu ris como os adventistas! Tu falas como os adventistas!» E assim escarneciam de mim.

Os dirigentes da Obra Adventista escolheram um homem para ser obreiro voluntário na aldeia de Cangongo. E assim continuei a assistir à Escola Sabatina.

Minha mãe, ao saber disso, começou a aborrecer-se muito comigo. Já não me tratava como filha. Os meus tios também não me falavam. Todos começaram a afastar-se de mim.

Na mesma aldeia vivia o meu padrinho. Certo dia, chamou-me e disse: «Se continuares a ouvir os judeus serás castigada severamente». Eu respondi ao meu padrinho que na Igreja Adventista ensinam que não devemos temer os que podem matar o corpo mas não o espírito. Então ele ficou muito irado.

Certo dia, vi virem alguns homens de uma aldeia vizinha, trazendo nas bicicletas garrafas e garrações de vinho. Perguntei que festa havia na aldeia. Uma menina respondeu que prometeram matar-me por causa da minha apostasia. Como era manhã de Sábado, fui à Escola Sabatina.

Enquanto estava assentada com outras pessoas da aldeia adventista, vimos vir um homem que me disse: «Donisa, vamos à tua aldeia, porque os teus pais e padrinhos chamaram-te». Eu não aceitei e o homem voltou muito zangado.

Momentos depois apareceu o meu padrinho e disse: «Vamos para a nossa aldeia». Pegou-me no braço e com força levou-me para a aldeia!

Encontrei muita gente reunida, e todos estavam bêbedos. Puseram-me no meio do círculo, e o padrinho, olhando para mim, disse: «Donisa, quem te obrigou a seres minha afilhada? Não foste tu mesma que quiseste? Agora vamos até à Missão e lá os missionários vão-me desincumbir dos deveres de padrinho».

A mãe, o tio e os parentes exigiam-me que respondesse às perguntas do padrinho. E como todos falavam mal de mim, perdi o receio e respondi corajosamente:

«Fui eu mesma que pedi para você ser meu padrinho. Mas quando pedi, não sabia onde estava a verdade. Hoje sei que os adventistas seguem a verdade, e por isso quero ser adventista».

O padrinho, ao ouvir aquelas palavras, ficou como um doido, e com um pau na mão batendo-me até partir-se em pedaços. Depois começou a pisar-me com os sapatos nas pernas, na barriga, nos braços. E, levantando-me, começou a bater-me na cabeça com as mãos.

Quando senti que estava para morrer, olhei para aquela multidão, e parecia que não havia ninguém que me conhecesse, apesar de estar ali presente minha própria mãe, meus tios e toda a restante família. Nesse momento, eu disse ao meu padrinho para me acabar com a vida depressa.

Nenhum dos meus parentes queria que eu ficasse viva nesse dia. Hoje reconheço que em parte deviam este procedimento ao vinho.

O padrinho, ao ouvir aquelas palavras, deixou de me bater. Amarrou-me fortemente com uma corda e, deixando-me assim, continuaram a beber.

Levaram-me em seguida à missão, onde fui castigada severamente, mas não aceitei abandonar a fé que agora tinha abraçado.

Quando voltei da missão, todos se aborreceram de mim. Todos me desprezavam. Minha mãe já nada queria comigo.

Resolvi ir morar para a aldeia adventis-

Continua na pág. 16

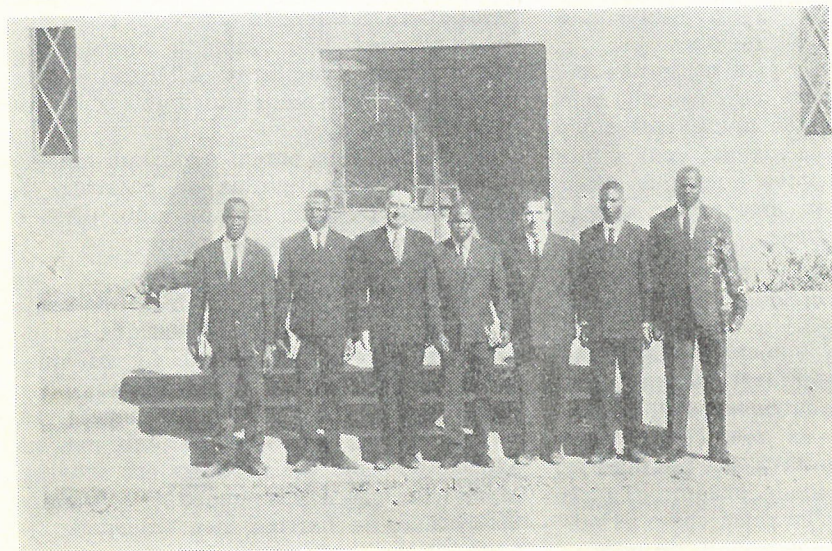
Notícias do Campo

Amílcar Godinho Lopes

Transferido do Campo Missionário do Lucusse, o Ir. Amílcar Godinho Lopes assumiu a responsabilidade da Igreja de Sá da Bandeira, em substituição do Ir. Américo Rodrigues que, como noticiámos no número anterior, partiu para a Metrópole, para uma ausência de alguns meses.

Consagração ao Ministério

No dia 1 de Julho foi consagrado ao ministério o Ir. Gomes Noé. A cerimónia teve lugar na igreja da Missão do Cuale, tendo tomado parte os pastores E. Ferreira, Carlos A. Esteves, Leonardo Chicondo, Paulino Dias, Maravilho Antunes e Gouveia Mesaque.



Ao centro, o Pastor Gomes Noé

Leonilde Tavares e Maria Costa Sales

No dia 29 de Julho, embarcaram no Lobo, com destino à Metrópole, onde passarão alguns meses, as Irmãs Leonilde Tavares e Maria Costa Sales, respectivamente professora na Escola Primária de Nova Lisboa e secretária nos escritórios da Sede da União.

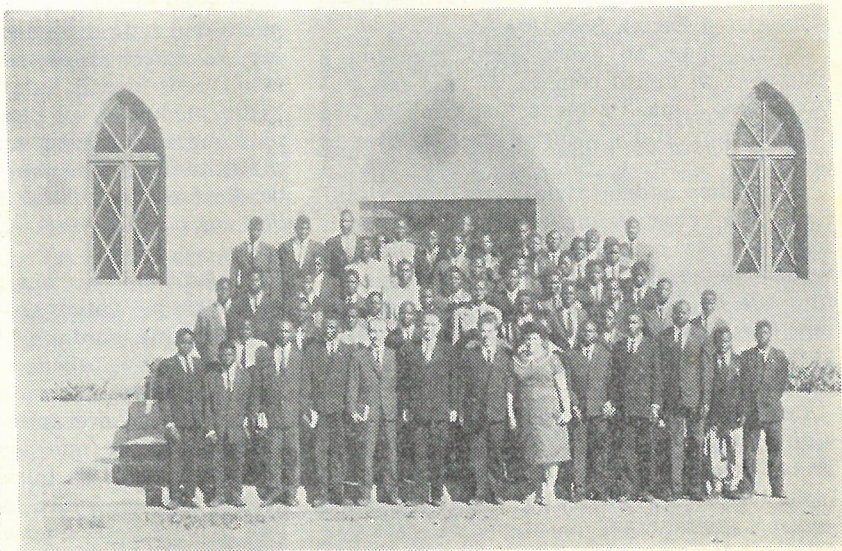
Pastor Paul Knudsen

No dia 27 de Julho, vindo de Lisboa, chegou a Angola onde se demorará alguns dias, o Pastor Paul Knudsen, verificador de contas da Divisão Sul-Europeia.

Convenção de Catequistas no Cuale

De 26 a 30 de Junho teve lugar na Missão do Cuale uma Convenção de Catequistas, com a assistência de uns 60 participantes, entre catequistas e obreiros voluntários.

Os diversos períodos estiveram a cargo dos seguintes instrutores: Vocação e Actividades do Obreiro—E. Ferreira; Doutrinas Bíblicas—Carlos A. Esteves; História da Denominação—Orlando de Albuquerque; Fisiologia e Higiene—D. Mercedes Esteves; Português Prático—D. Aida Albuquerque.



Convenção dos Catequistas no Cuale—Obreiros que participaram, encontrando-se ausente a Professora D. Aida Albuquerque.

No Sábado, 31, realizou-se de manhã o culto solene e à tarde foi consagrado ao ministério o Ir. Gomes Noé.

Notou-se um esplêndido espírito durante esta Convenção, e estamos certos de que os obreiros que nela participaram regressaram aos seus campos de trabalho com renovado vigor. — E. F.

Convenção para Obreiros Leigos no Bongo

Realizou-se uma Convenção para Obreiros Leigos, desde 27 de Maio a 1 de Junho, na Missão Adventista do Bongo. Foi um motivo de grande alegria para todos os obreiros leigos dos Campos Missionários do Bongo e de Nova Lisboa.

O plano já estava feito desde o princípio do ano, mas faltava o tempo para levar a efeito os nossos projectos. Na realidade, custou a efectuar-se, em virtude de o nosso calendário estar repleto de outras actividades.

Estiveram reunidos 67 pregadores leigos, a fim de estudarem os melhores métodos para mais eficazmente servirem ao Senhor.

Aproveitamos a oportunidade para agradecer ao Sr. Director do Instituto do Bongo, que de boa vontade cedeu alojamento para todos.

O programa foi cumprido com rigor, de maneira que o dia todo estava ocupado. Os obreiros não tinham tempo para fazer mais nada.

O Pastor Ernesto Ferreira, presidente da nossa União, veio fazer uma visita à Convenção e deu uma aula de homilética que todos os assistentes acharam muito interessante.

Os dias marcados pareciam muito poucos e o tempo ia passando rapidamente. Os obreiros pediram se podíamos acrescentar mais alguns dias e prosseguir com os estudos, que tão valiosos eram para as suas vidas. Mas era impossível satisfazer o seu desejo.

Finalmente, todos ficaram animados e confortados, prontos para voltarem para as suas aldeias, onde irão continuar a trabalhar para o Mestre.

O Senhor quer que subamos ao Monte, e estejamos mais directamente em Sua presença. Estamos chegando a uma crise que, mais do que em qualquer outro tempo desde o princípio do mundo, exigirá inteira consagração da parte de todos os que nomeiam o nome de Cristo.

A obra é de Deus e Ele vela. Sabe a hora de grande necessidade para a realização desta grandiosa obra que nos confiou.

Chegou o último dia da Convenção, e todos testemunharam o desejo de continuar a partilhar a sua fé aos que ainda não conhecem Jesus como seu Salvador pessoal.

Fazemos votos para que no próximo ano Deus nos abençoe com outra Convenção, através da qual, por meio de homens dedicados,

Deus possa animar e fortalecer os obreiros da Sua Seara.

Samuel Sequeira Siria

Campo Missionário de Nova Lisboa

Reuniões de reavivamento espiritual — «É tempo de nos prepararmos, porque a reunião se aproxima», tais eram as palavras que se ouviam em toda a parte onde se encontravam os nossos crentes. Há uma grande sede e fome de ouvir as mensagens do divino Mestre e Salvador. Quando visito uma catequese, os irmãos perguntam-me o dia e data em que se vai realizar essa tão querida reunião de reavivamento espiritual.

Finalmente chegou o dia em que todos os os nossos adeptos abandonaram as suas casas para passar as noites frias em palhotas em volta do recinto feito de capim, na escola Central do Gungue. Eram noites de frio, mas ninguém se arrependeu por ter deixado a sua casa e vir viver debaixo de árvores. Cantavam hinos de louvores a Deus em volta do fogo que os aquecia durante a noite.

As reuniões foram dirigidas pelos missionários António Antunes Maurício, director da Missão do Bongo, e professor António Catarino, que abriram o sagrado livro de Deus para o povo faminto.

No Sábado na hora do culto solene, o Ir. António Maurício dirigiu uma mensagem que comoveu os ouvintes.

Foi um grande prazer ver a Autoridade suprema da área e sua Ex. ma Família, desde o princípio até ao fim das reuniões. Damos muitas graças a Deus por nos ter proporcionado a paz e tranquilidade no nosso país.

No Domingo à tarde, vimos 43 preciosas almas descerem às águas baptismas. A essas reuniões assistiram 846 pessoas.

Graças a Deus nosso Pai Celestial por ainda nos ter concedido, pela Sua misericórdia, esse privilégio que poucos têm.

Depois seguimos para uma aldeia chamada Hilongue-Fendi, onde os nossos crentes aguardavam a chegada dos missionários. Receberam-nos com cânticos e com rostos sorridentes. Viam-se fogueiras por todos os lados da aldeia. Tivemos umas belas reuniões de estudo da Palavra de Deus. O povo, apesar do frio, manifestava o seu contentamento, cantando à noite hinos em marcha.

Nesta localidade foram baptizadas 50 almas, que resolveram abandonar o mundo e seguir a Jesus para sempre.

Continuámos a nossa viagem para Chico-Sul, onde havíamos de realizar mais algumas reuniões. O caminho tornou-se difícil, por causa da muita areia que havia na estrada. De vez em quando era preciso parar, porque o carro não podia suportar areia no veio de transmissão. O Ir. Professor António Catarino ficou na aldeia de Chico-Sul, para ali dirigir as reuniões com alguns pastores. O Prof. Catarino com o Pastor Isau Isaias ficaram alojados numa casinha de paredes frescas, mas nem por isso desanimaram.

No Sábado à tarde, foram sepultadas nas águas baptismais 39 almas, que edecidiram seguir a Jesus.

Entretanto, o Sr. Director António Maurício e eu seguimos para a Central de Cutenda, na área dos muhumbes. Embora o povo seja muito duro e não queira adoptar a civilização acompanhada com a religião, baptizou-se um casal. Tivemos uma boa reunião com os Irmãos na fé em Jesus Cristo. Alguns dos nossos crentes andaram 85 quilómetros para assistir a estas reuniões.

No Sábado à tarde, baptizaram-se 32 pessoas, que quiseram escolher o caminho da verdade e abandonar o mundanismo.

Samuel Sequeira Siria

Encerramento das Aulas na Central do Gungue

Quero resumir em poucas palavras as horas recreativas dos alunos da Escola Central Adventista do Gungue.

Durante o ano lectivo de 1966-67 tivemos muitos passeios, que os alunos muito apreciaram.

Os estudantes devem estar de vez em quando em contacto com a natureza.

«O recreio é necessário aos que se acham ocupados em labor físico, e mais ainda, essencial àqueles cujo trabalho é especialmente mental... Vi que não se devem passar nossos feriados a exemplo do mundo, mas não devemos passá-los por alto, pois isso traria descontentamento aos nossos filhos. Nestes dias em que há perigo de serem expostos às más influências e corrompidos pelos prazeres e excitações do mundo, estudem os pais o meio de proporcionar-lhes alguma coisa que substitua entretenimentos mais perigosos». — *Conselhos aos Professores, Pais e Estudantes*, pág. 312.

O passeio do fim do ano realizou-se no meio de uma natureza encantadora, com uma colina donde os alunos podiam ver o vasto horizonte em frente do rio Cuando.

Acabaram-se as aulas e vão começar as férias. Depois de um almoço de confraternização, surgiu a hora de jogos debaixo da sombra de árvores silvestres.

Desejamos boas férias a todos os alunos e que para o próximo ano possam regressar novamente, para continuar os seus estudos, preparando-se para serem alguém neste mundo e na eternidade.

Vosso colaborador na Causa do Mestre,

Paulo Vicente Eduardo

Aguardando a Ressurreição

Não tenho palavras para exprimir a tristeza que senti ao enterrar o nosso Ir. Estêvão Sanji, que sofreu durante seis meses com uma dolorosa doença do fígado.

Faleceu no dia 24 de Julho, deixando-nos muitas saudades.

Além da Esposa, deixa oito filhos, todos eles crentes adventistas. Entre esses filhos, dois são

nossos professores: o Ir. José Estêvão, em Caúri, e o Ir. Pedro Estêvão, no Gungue. Deixa também 42 netos e 11 bisnetos, todos crentes adventistas.

O velho Estêvão aceitou a fé adventista em 1926, e baptizou-se em 1927. Faleceu com 80 anos de idade.

Até breve, saudoso Ir. Estêvão Sanji.

Dinis Capiñala Java

Através da Seara de Angola

Continuação da pág. 13

ta. Mas quando o souberam os meus parentes difamaram-me, dizendo que eu tinha destruído a nascente que dava água à vala de sua aldeia. Todos ao meu redor estavam contra mim. Fiquei muito perturbada.

Depois disso fui passar algum tempo em casa do Pastor Aurélio Muhunga.

Mais tarde casei com um jovem adventista.

O inimigo continua a perseguir-me. Todos os filhos que tivemos, com excepção de uma menina, têm morrido. Há três anos tivemos um menino, mas ainda não anda nem se levanta.

Irmãos, a minha dor continua. Peço à igreja para se lembrar de mim, mulher aflita, para que não perca a minha confiança em Deus.

Diácono Avelino Cassacala

Desde 1924 comecei a frequentar a missão do Bongo, onde fui baptizado em 1930. Casei em 1935. Desde então não conheci outra Igreja nem outra Esposa. Digo isto, porque os crentes de hoje mudam facilmente de tudo.

Hoje, ao ver que alguns dos nossos voltam para o mundo, fico muito triste. Os meus cabelos estão embranquecidos e os meus dentes estão a cair quase todos. Estou contente com isso, porque assim as ímpias e tentadoras mulheres já não pensam em destruir um homem sem dentes e com cabelos brancos.

Fiquei assustado com uma comparação que o Pastor Carlos Sequeseque apresentou numa pregação que fez nesta convenção. Disse ele que alguns na Igreja são como andaimes. Depois de acabada a construção, são removidos e lançados fora. Quer isto dizer que alguns não poderão entrar no Céu. Eu não quero ser um andaime na Igreja. Quero ir para o Céu.